

**Um historiador contador de histórias: a escravidão em *Pai contra Mãe*, de Machado de Assis.**

Raquel Machado Gonçalves Campos\*

No capítulo que dedicou à “escravidão nas Belas Artes”, em *A campanha abolicionista*, o abolicionista Evaristo de Moraes não deixa de mencionar Machado de Assis. Mas o faz a fim de acusá-lo de não dedicar atenção adequada ao “temeroso problema”. Sobre este, a obra do autor de *Dom Casmurro* conteria apenas duas ocorrências marcantes. Não se podendo, contudo, depreender grande coisa das lacônicas anotações no Memorial de Aires, restaria de fato “apenas um traço de emoção produzida pelo Cativeiro, na obra do admirável escritor patricio. Revela-se em um conto – PAI CONTRA MÃE”<sup>1</sup>.

Enganou-se Evaristo de Moraes quanto ao número de escritos em que Machado deteve-se sobre a escravidão. Ao longo das últimas décadas, inúmeros estudos<sup>2</sup> exploraram a “história nas histórias de Machado de Assis”<sup>3</sup> e permitiram evidenciar o equívoco não só do advogado abolicionista, mas de todos quantos cultivavam a imagem de um escritor desinteressado da sociedade de seu tempo. O que não invalida, entretanto, a avaliação quanto à importância de *Pai contra Mãe* enquanto testemunho histórico da escravidão brasileira no século XIX.

Publicado em 1906 em *Relíquias de Casa Velha*, *Pai contra Mãe* inicia-se de forma efetivamente singular. A narrativa sobre Cândido Neves, “a pessoa a quem se liga a história de uma fuga”<sup>4</sup>, é adiada em favor de um prólogo de caráter histórico-descritivo. A originalidade deste tipo de composição dentro da produção contística de Machado levou-me a colocar uma primeira pergunta: por que Machado teria decidido incluir, neste que é reconhecidamente um de seus principais escritos sobre a escravidão, esta espécie de descrição histórica sobre um mundo havia quase vinte anos extinto?

Uma possível resposta para esta pergunta pode ser aventada a partir da leitura de outro texto machadiano, de outra passagem sobre a escravidão. Relatando em seu diário o

---

\* Raquel Machado Gonçalves Campos é graduada em História pela Universidade Católica de Goiás.

entusiasmo e os festejos com que a população da Corte acolheu a sanção da Lei Áurea, o Conselheiro Aires anota esta interessante reflexão:

Ainda bem que acabamos com isto. Era tempo. Embora queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da história, ou até da poesia. A poesia falará dela, particularmente naqueles versos de Heine, em que nosso nome está perpétuo. Neles conta o capitão do navio negreiro haver deixado trezentos negros no Rio de Janeiro, onde a casa “Gonçalves Pereira” lhe pagou cem ducados por peça. Não importa que o poeta corrompa o nome do comprador e lhe chame Gonçalves Perreiro; foi a rima ou a sua má pronúncia que o levou a isso. Também não temos ducado, mas aí foi o vendedor que trocou na sua língua o dinheiro do comprador<sup>5</sup>.

Aires parece, sobretudo, lamentar o fato de que nossa história esteja indelevelmente marcada pelo opróbrio da escravidão. Lamento que nos aponta, porém, outra perspectiva, a ela associada e elucidativa do problema colocado. A escravidão, enquanto instituição social, podia ter sido suprimida, mas restavam ainda todos os documentos oficiais que provavam sua existência. E mesmo se os queimassem todos, ainda permaneceriam os documentos de caráter privado e a história asseguraria, através deles, a lembrança da prolongada existência entre nós daquela ignominiosa instituição. Mas se por ventura todos os vestígios fossem apagados e a história não pudesse ser escrita, a literatura não deixaria de cumprir sua função histórica. Impregnada do sentimento íntimo que a faz uma literatura de seu tempo e de seu país, a obra de Machado, em que a sociedade carioca da segunda metade do século XIX está perpétua, constituirá sempre uma lembrança indelével do mundo que a escravidão criou.

Voltando agora ao singular prólogo historiográfico de *Pai contra Mãe*, poderíamos dizer que Machado aí explora, de forma bastante explícita, a capacidade da literatura de fornecer um conhecimento sobre o mundo. Neste prólogo, o contista embaralha, como já havia feito em sua crônica de *Histórias de Quinze Dias*<sup>6</sup>, as distinções entre historiador e contador de histórias, e se coloca como um tipo singular de historiador, aquele que recupera o passado ao contar histórias sobre ele. Machado parece recear que, em 1906 e além, seu público não fosse capaz de apreender o que estava querendo mostrar com a história de Cândido Neves. Ou talvez zombasse das tentativas de apagamento da história da escravidão, ao construir um narrador

que parece considerar necessário esclarecer “como eram as coisas” no Brasil de “há meio século”, pois seu público provavelmente não soubesse que outrora a escravidão existira em nosso país.

Do que decorre a importância fundamental deste prólogo para a compreensão da história de *Cândido* e, sobretudo, da contribuição historiográfica de Machado de Assis. Passemos então a ele.

“A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais”<sup>7</sup>. Para um conto cujo tema é reconhecidamente a escravidão, este é um início bastante atípico. Por um lado, a escravidão não aparece prontamente associada a escravos e senhores, nem sua supressão é a supressão de escravos e senhores, mas de ofícios e aparelhos. Por outro, o que a frase inicial ressalta é, estranhamente, o fim da instituição em torno da qual se desenvolve a narrativa. Machado parece estar anunciando que este não é um texto sobre a escravidão, mas principalmente sobre o que significou a sua abolição. Em outras palavras, o que está em relevo são as modificações. Mas, assim como a frase inicial não focaliza os principais atores da ordem escravista, é de se supor que a modificação sugerida aponte em outra direção. Direção cujo conhecimento exige, evidentemente, a leitura de todo o conto – e nós estamos apenas na primeira frase.

Uma frase que ainda tem algo a nos oferecer, pois dela evidencia-se que nosso escritor parece envolvido em um esforço de compreensão da realidade através de “pormenores normalmente considerados sem importância”, de “elementos pouco notados ou despercebidos”, de “detalhes aparentemente marginais”<sup>8</sup>, como parecem ser o ferro ao pescoço ou a máscara de folha-de-flandres ou ainda o ofício de pegar escravos fugidos.

Mas é justamente a partir do enfoque destes “detalhes” que a literatura de Machado desempenha seu papel historiográfico. Ao caminhar pelas margens, Machado permite ao historiador chegar mais perto do passado, ao levá-lo a perceber que a ordem escravista foi muito mais que a casa-grande e a senzala, que o senhor e o escravo.

O que *Pai contra Mãe* nos induz a perceber é que a paisagem de uma sociedade escravista inclui não apenas o cativo e seu dono, mas todo um mundo de aparelhos e ofícios cuja abordagem talvez nos permita perceber, de forma mais aguda, o horror intrínseco àquela instituição – “Era grotesca aquela máscara, mas a ordem social nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel”<sup>9</sup> – mas, mais do que isso, o que o seu fim pode ter significado – “Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo”<sup>10</sup>.

Por duas vezes, o que o narrador do conto ressalta é a transitoriedade da ordem escravista. Ele chama a atenção para o fato de que os aparelhos e ofícios de que trata já não mais existem, de que é preciso ler a história de Cândido Neves atentando para que o ofício de que mal e mal ele tirava seu sustento desapareceu conforme desapareceram os escravos fugidos. Não porque deixassem os escravos de fugir, pois, como aponta o narrador, ao longo dos quase quarenta anos que mediaram o fim do tráfico africano, em 1850, e a abolição, em 1888, as fugas se generalizaram. Os escravos fugidos desapareceram porque a escravidão foi abolida. Acredito que Machado, ao tecer uma narrativa sobre um pegador de escravos fugidos, estava interessado em nos mostrar o que pode ter significado, para alguém como Cândido Neves, o fim da escravidão.

O que nos traz de volta aos indícios, pois a narrativa não é explicitamente sobre o impacto que a abolição causou na vida de Cândido Neves. *Pai contra Mãe* é a história de um pegador de escravos em meados de 1850. É a partir da compreensão do que significava ter esse ofício que Machado nos incita a refletir sobre o abalo que pode ter sido causado pela lei de 13 de maio.

E o que significava ter esse ofício? Responder a esta questão pressupõe colocar outra: por que afinal de contas alguém se tornava pegador de escravos fugidos?

Este não parecia ser um ofício que se escolhesse. Mais correto seria dizer que se acabava por ser obrigado a ele, por uma questão de sobrevivência. Uma sobrevivência

garantida de forma precária, incerta, vaga. Ironicamente, o “homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem”<sup>11</sup>, o fazia ao custo de manter sua própria vida uma desordem.

Cândido Neves, o pegador de escravos fugidos em *Pai contra Mãe*, não foge a esse perfil. Ofícios ou empregos, ele não consegue manter-se em quaisquer deles. A situação parece mudar de figura quando nosso protagonista apaixona-se pela jovem Clara. Engano. Pois Cândido carece não só de estabilidade, mas também de persistência. O casamento confirma-se, ainda assim. E vão morar os três, o casal e tia Mônica, parenta de Clara. Têm uma vida difícil. As mulheres cosiam; o marido, ao que parece, continuava na mesma, pois “saía a empreitadas de uma cousa e outra; não tinha emprego certo”<sup>12</sup>.

Cândido e Clara anseiam por um bebê, que acaba por vir, para desespero de tia Mônica. Seu nascimento coincide com o período de maior dificuldade da família. Cândido havia desistido não só de conseguir um emprego como de exercer um ofício. Tornara-se um pegador de escravos fugidos. Mas nem com esta “ocupação vaga”, conseguia amearhar grande coisa. Para a tia, uma quarta boca, naquela situação, era impensável. A criança teria que ser entregue à Roda dos Enjeitados.

Tudo parece apontar para este insuportável desfecho, quando já se encaminhando para cumprir a dolorosa missão, ocorre a Cândido o inesperado: ele encontra Arminda, mulata cuja gratificação alcançava cem mil-réis. A cativa, grávida, roga àquele pai que tenha compaixão por uma futura mãe, que ela faria o que ele quisesse, tornar-se-ia sua escrava. Inútil. Arminda luta, mas em vão. É arrastada pelas ruas do centro. Chegam à casa. O senhor atende ao chamado, reconhece a escrava. Arminda cai no corredor e ali mesmo seu senhor paga a Cândido a quantia prometida. Depois, diz à escrava que entre. “No chão, onde jazia, levada do medo e da dor e após algum tempo de luta a escrava abortou”<sup>13</sup>.

Cândido, que assistira a todo este “espetáculo”, sai a buscar o filho, que deixara em uma farmácia enquanto saía no encalço da escrava fujona. Seu destino já não é a Roda dos

Enjeitados, mas a casa e os pais, pois à vista da gratificação, tia Mônica perdoa a volta do pequeno.

A tendência natural, diante deste desfecho, é concentrarmo-nos sobre a grande ironia que constitui o fato de Cândido só poder guardar o seu filho ao preço da perda do filho de Arminda, a parte mais fraca nesta história. Eu gostaria, porém, de chamar a atenção para a outra história que Machado está nos apontando.

Resumindo, em poucas palavras, o final de *Pai contra Mãe*, poderíamos dizer que aqui só existe um pai porque existe uma mãe. Ou seja, Cândido somente consegue evitar que o filho seja lançado à Roda dos Enjeitados porque Arminda, tomada pelo mesmo desejo de guardar o seu filho, resolve fugir a seu senhor. Em suma, o fato é que a sobrevivência de Cândido Neves e de sua família depende da existência de escravos fugidos.

Mas o que aconteceria se não mais existissem escravos fugidos? Se não houvesse mais Armindas a socorrer os Cândidos em seus momentos de apuro? Como estes homens livres pobres ganhariam sua vida?

É ao sugerir as respostas para estas questões que Machado de Assis atua como historiador, como um intérprete das mudanças históricas que testemunhou. O que o conto sugere, em primeiro lugar, é que a escravidão criou em torno de si uma gama de atividades, que a ela ligaram-se muitos outros homens e mulheres, os quais, dependentes daquela instituição, não eram entretanto senhores de escravos. A extensão deste mundo, o próprio conto demonstra: “Como o negócio crescesse, *mais de um desempregado* pegou em si e numa corda, copiou anúncios e deitou-se à caçada. *No próprio bairro havia mais de um competidor*”<sup>14</sup>.

Em segundo lugar, *Pai contra Mãe* apresenta indícios de como estes homens e mulheres livres que orbitavam em torno à escravidão devem ter sentido o fim do consenso pró-escravatura e a abolição “pura e simples” – como a qualificou Aires. Como deve ter piorado a vida de alguém como Cândido, dependente de pegar escravos fugidos, quando, a partir de 1870, a atitude da população mudou. Se em finais de 1850, quando Cândido arrastava Arminda

pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, “quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e *naturalmente* não acudia”<sup>15</sup>, em meados de 1880, em São Paulo, “meninos de rua, em grandes assuadas, ridicularizam capitães-do-mato sem eira nem beira”<sup>16</sup>.

Em meu entender, Machado de Assis tenciona mostrar, com esse conto, como a abolição deve ter sido uma experiência traumática para essas pessoas que atrelaram sua existência à da escravidão. Isso não só porque, como vimos indicando, era sua própria sobrevivência que dependia dos aparelhos e ofícios que a escravidão levou consigo. Mas porque elas nem sempre souberam – ou puderam – adaptar-se à nova ordem capitalista.

Esta interpretação tira sua validade das constantes menções do texto à relação de Cândido com o trabalho. Desde o início, este homem é caracterizado por sua incapacidade de manter-se em um emprego ou ofício. Ele é avesso à estabilidade, à rotina, à posição de subordinado. Não tem persistência, não gosta de atender e servir a outros (embora pegar escravos fosse uma forma de servir, “ainda que por outra via”), não suporta ficar longas horas sentado. Em razão disso, passa por inúmeras ocupações, até cair no ofício de pegador de escravos – em que persiste não porque quisesse, mas porque não consegue outra coisa. É de se supor que sua notória instabilidade, aliada à fraca dedicação com que sempre desempenhou outros trabalhos, lhe fechasse as portas. Ao final, parece que a única ocupação que lhe é adequada é a de pegador de escravos fugidos, a qual não tem horário certo nem patrão e permite ficar de conversa na esquina. Além disso, “só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda”<sup>17</sup>.

Acontece que em uma ordem burguesa – na qual o Brasil começara a entrar quando proibiu o tráfico de escravos africanos – não são estas as habilidades requeridas a um trabalhador. Pelo contrário, exige-se dele exatamente aquilo que Cândido não tem: uma ética do trabalho. Em outras palavras, Cândido não tem lugar algum a ocupar, tornou-se descartável. Ora, se isto não foi uma ruptura, o que o terá sido?

Apropriando-nos da metáfora de Machado de Assis, afirmamos que a literatura permite “enxergar onde as grandes vistas não pegam”. *Pai contra Mãe* permite uma visão original do Brasil escravista, ao focalizar o mundo que orbitava em torno da escravidão. Um mundo que sofreu profundamente o fim de uma instituição que persistiu entre nós por mais de três séculos e meio.

Assim, ao invés de abandonarmos a literatura de Machado de Assis e a literatura em geral unicamente às leituras da crítica especializada, deveríamos buscar perceber o que cada um destes textos literários está nos mostrando. Ao invés de desprezar a irmã, Clio deveria saber pedir, humildemente: “Agora tu, Calíope, me ensina...”<sup>18</sup>.

---

#### NOTAS

<sup>1</sup> Evaristo de Moraes, Apêndice: A escravidão nas Belas Artes. In: Idem. *A campanha abolicionista (1879-1888)*, 2ª edição, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986.

<sup>2</sup> A batalha foi longa até que se afirmasse a possibilidade – mesmo a exigência – de uma análise historiográfica da obra machadiana. Para tanto, foram de fundamental importância as obras de: Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, 1ª reimpressão, 5ª edição, São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2001; idem, *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, 4ª edição, São Paulo: Duas cidades, Ed. 34, 2000; de John Gledson: *Machado de Assis: ficção e história*, São Paulo, Paz e Terra, 1986; idem, *Machado de Assis: impostura e realismo*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991; e de Sidney Chalhoub: *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*, 4ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras, 2001; idem e Leonardo Affonso Pereira (orgs), *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998; idem, *Machado de Assis: historiador*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

<sup>3</sup> Título de um artigo de Sidney Chalhoub: “A história nas histórias de Machado de Assis: uma interpretação de Helena”, *Revista do Departamento de História*, Fafich/UFMG, Belo Horizonte, julho de 1992, pp. 19-43.

<sup>4</sup> Afrânio Coutinho (org.), *Machado de Assis: obra completa*, 9ª reimpressão, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, volume II, p. 660. Todas as citações de *Pai contra Mãe* foram retiradas desta edição. Daqui em diante, passo a indicar apenas a página.

<sup>5</sup> Idem, vol I, p. 1118.

<sup>6</sup> Nesta crônica, publicada em 15 de março de 1877, Machado afirmava: “Um contador de histórias é justamente o contrário do historiador, não sendo o historiador, afinal de contas, mais que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio e entende que contar o que se passou é só fantasiar”.

<sup>7</sup> Machado de Assis: obra completa, vol. II, p. 659.

<sup>8</sup> Carlo Ginzburg, *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, pp.149-150.

<sup>9</sup> Machado de Assis, op. citada, p. 659.

<sup>10</sup> Idem, ibidem.

<sup>11</sup> Idem, p. 660.

<sup>12</sup> Idem, p. 662.

<sup>13</sup> Idem, p. 667.

<sup>14</sup> Idem, p. 663. Grifo meu.

<sup>15</sup> Idem, p. 666.

<sup>16</sup> João José Reis, Eduardo Silva, *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.74.

<sup>17</sup> Machado de Assis, op. citada, p. 663.

<sup>18</sup> Título do terceiro capítulo de “O programa”, conto de Machado de Assis publicado originalmente em *A Estação* em 1883.